REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.1 – N.2– 2024

A PERCEPÇÃO DAS MÃES QUANTO A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM CRIANÇAS COM TEA

THE PERCEPTION OF THE MOTHERS REGARDING THE PERFORMANCE OF THE NURSE IN PRIMARY CARE IN CHILDREN WITH ASD

Judson Ramos Costa
Graduando em Enfermagem, Faculdade Alfa Unipac de Aimorés-MG, Brasil
E-mail: judsonramoscosta@outlook.com

Edna Franskoviaki
Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Única, Campus Ipatinga; Docente da Faculdade Alfa Unipac de Aimorés/MG, Brasil
E-mail: profednafransko@gmail.com

Guilherme Moraes Pesente
Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia pela UTFPR, Campus Ponta Grossa; Docente da Faculdade Alfa Unipac de Aimorés/MG, Brasil
E-mail: gmpesente@gmail.com

Patrícia Espanhol Cabral
Especialista em Saúde Pública, Faculdade ÚNICA;
Mestranda em Educação, FUNIBER;
Docente da Faculdade Alfa Unipac de Aimorés - MG, Brasil.
E-mail: patyespanholmaria@gmail.com

REVISTA SAÚDE DOS VALES

Resumo

A atenção primária, essencial no Sistema Único de Saúde (SUS), avançou com as Estratégias de Saúde da Família (ESF), promovendo cuidados integrais e coordenados. O enfermeiro lidera equipes na atenção primária, enfatizando o acolhimento e a escuta.
No entanto, mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam obstáculos, incluindo falta de informação, profissionais descapacitados, comunicação pouco eficiente e protocolos específicos inexistentes.
A humanização, da Política Nacional de Humanização, busca melhorar o relacionamento nos serviços de saúde, destacando o acolhimento para resolver demandas e elevar a satisfação dos usuários. A enfermagem tem papel relevante, oferecendo cuidado centrado no paciente e na família.
A família desempenha um papel ativo no cuidado à criança, sendo responsável por garantir seus direitos e proporcionar uma vida digna. A compreensão, paciência e o apoio emocional são essenciais para o desenvolvimento e a qualidade de vida das crianças com TEA.

Palavras-chave: Atenção Primária; Transtorno do Espectro Autista (TEA); Enfermeiro; Acolhimento.

Abstract

Primary care, essential in the Unified Health System (SUS), advanced with the Family Health Strategies (ESF), promoting integrated and coordinated care. Nurses lead teams in primary care, emphasizing welcoming and listening.
However, mothers of children with Autistic Spectrum Disorder (ASD) face obstacles, including lack of information, untrained professionals, inefficient communication and non-existent specific protocols.
The humanization, of the National Humanization Policy, seeks to improve the relationship in health services, highlighting the reception to resolve demands and increase user satisfaction. Nursing has a relevant role, offering patient- and family-centered care.
The family plays an active role in child care, being responsible for guaranteeing their rights and providing a dignified life. Understanding, patience and emotional support are essential for the development and quality of life of children with ASD.

Keywords: Primary attention; Autistic Spectrum Disorder (ASD); Nurse; Reception.

1. Introdução

O presente artigo aborda diversos aspectos fundamentais relacionados à Atenção Primária em Saúde, com foco especial no papel do enfermeiro nesse contexto e nas dificuldades enfrentadas pelas mães no cuidado de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Discute-se também a importância da assistência baseada na Política Nacional de Humanização (PNH) e o papel ativo da família no cuidado.

A Atenção Primária é conceituada como a principal porta de entrada para os serviços de saúde, desempenhando um papel central no Sistema Único de Saúde (SUS). Nas últimas décadas, a implementação das Estratégias de Saúde da Família

(ESF), contribuiu para avanços significativos no SUS, transformando as unidades em locais acolhedores, resolutivos e capazes de atender às necessidades dos indivíduos.

O enfermeiro desempenha um papel crucial na Atenção Primária, sendo responsável pela produção de cuidados assistenciais, coordenação de serviços de saúde e promoção de ações de prevenção e promoção da saúde. O cuidado prestado pela enfermagem vai além da dimensão técnica, envolvendo o acolhimento, a escuta e a avaliação da vida do paciente. A gestão é uma parte integral do cuidado, com foco no bem-estar coletivo e familiar.

No contexto do TEA, as mães enfrentam diversas dificuldades, incluindo a falta de informações sobre o transtorno, a ausência de protocolos claros de encaminhamento, a falta de apoio profissional e a negligência das queixas por parte dos profissionais de saúde. O enfermeiro desempenha um papel essencial na identificação precoce e no acompanhamento das crianças com TEA, o que requer um relacionamento empático.

A Política Nacional de Humanização (PNH) surge como um marco importante na humanização dos serviços de saúde, promovendo o diálogo e reconhecendo as diferenças individuais. O acolhimento é peça chave na Atenção Primária, ajudando a resolver as demandas dos pacientes e alcançar sua satisfação.

Por fim, destaca-se a importância da família no cuidado da criança, especialmente no caso de crianças com TEA. A família desempenha um papel fundamental no fornecimento de cuidados diários, no suporte emocional e no desenvolvimento de estratégias para a interação da criança com a sociedade.

2. Revisão da Literatura

2.1 Definição de atenção primária

A atenção primária, ou atenção básica, são entendidas como sinônimos, sem que se tenha uma problemática envolvida (MELLO; FONTNELLA; DEMARZO,

2009). Sendo assim AP[1] é a principal porta de entrada para os atendimentos do SUS – Sistema Único de Saúde, como diz a PNAB: “Ela deve ser o principal contato preferencial dos usuários, a principal porta de entrada e centro de comunicação com toda a Rede de Atenção em Saúde.” (BRASIL, 2012, p 9.)

Nas últimas décadas a atenção primária foi consolidada, fazendo com que o Sistema único de Saúde, alcançasse avanços significativos. A implementação das Estratégias de saúde da família (ESF), nas Unidade Básicas, marcam os resultados positivos alcançados pelo SUS. (FACCHINI; TOMASI; DILÉLIO, 2018).

Os avanços resultaram na transformação para que as unidades sejam acolhedoras, resolutivas, e que possam responder às necessidades dos indivíduos, atuando para “[...] promoção, proteção e recuperação da saúde” (Portaria N° 2.488, 21 de outubro de 2011), e operando para enfrentar as diversas condicionantes de saúde, por meio de um cuidado integral (PNAB, 2012).

A oferta dos serviços assistenciais é parte integrante do trabalho da AP, pois desenvolve com o usuário uma parceria, estendendo no meio familiar e na comunidade, para que assim sejam realizados os serviços de cuidados, tornando-os acessíveis. (MELLO; FONTNELLA; DEMARZO, 2009).

O vínculo entre usuário e equipe é um ponto chave no atendimento, por isso a necessidade de uma rede descentralizada, próxima ao usuário, com uma equipe que possa fortalecer os vínculos, e atuar no processo de cuidado integral para cada usuário, entendo as necessidades individuais, familiares, sociais e econômicas. (PNAB, 2012)

As estratégias de saúde da família desenvolvem o importante papel do acolhimento, e escuta inicial das queixas dos indivíduos, reforçando os laços de vínculo contínuo com a população. Esse vínculo auxilia na identificação precoce de alguns transtornos, realizando o encaminhamento aos serviços especializados, auxiliando na prevenção de agravos e identificação precoce de transtornos. (ARAUJO; VERAS; VARELLA, 2019).

[1] AP – Abreviação de atenção primária

2.2 O papel do enfermeiro na Atenção Primária

A Atenção primária delega ao enfermeiro a função de produzir o cuidado assistencial à população adscrita no território de sua unidade, e a função de coordenar todo o serviço de saúde e sua equipe. Mas vale ressaltar que tais funções não são antagônicas, mas sim complementares (GALAVOTE et al. 2016).

O cuidado, é uma das práticas exercidas pela enfermagem, sendo realizado através do acolhimento e escuta, ultrapassando as dimensões técnica e práticas, é uma avaliação não apenas da doença ou queixa do paciente, mas sim uma valorização da vida, abrindo espaço para um diálogo (ACIOLI, et al, 2014).

Grande número de demandas e atividades burocráticas, supostamente distanciam o enfermeiro da comunidade para a realização de uma assistência de qualidade, entretanto a gestão é parte integral do cuidado, que deve ser voltado para práticas de promoção e prevenção, tendo o bem estar coletivo e familiar como foco de atuação (GALAVOTE et al, 2016).

As atividades educativas, que são elaboradas e colocadas em prática, auxiliam na promoção e prevenção da saúde, realizando o cuidado para com a comunidade, demonstram assim que planejamento e assistência caminham lado a lado (ACIOLI et al, 2014).

Os enfermeiros são profissionais de referência na comunidade, e devem ter um olhar crítico, a fim de analisar e sistematizar uma assistência de qualidade que atenda as demandas das famílias e usuários, atendendo as necessidades da população (MATTOS; BALSANELLI, 2019).

As visitas domiciliares são importantes meio de avaliação do enfermeiro da saúde da população, meio de cuidado direto com o núcleo familiar e uma prática que fortalece os vínculos entre profissional e equipe, essencial para o desenvolvimento da prática assistencialista (ACIOLI et al, 2014).

Uma visão holística é de suma importância para o cuidado de qualidade, atendendo a singularidade de cada indivíduo, e intervindo de forma a melhorar a qualidade de vida e as condições de saúde (ARAÚJO et al, 2019).

2.3 Dificuldades encontradas pelas mães na assistência do enfermeiro em crianças com o TEA

Entre as dificuldades encontradas pelos pais de uma criança com autismo, está a falta de informação sobre o transtorno, a dificuldade da família de encontrar um profissional capaz de ajudar a obter respostas, e indicar os serviços de saúde que são necessários (NOGUEIRA e RIO, 2011).

A falta de informações e conhecimento gera uma insegurança profissional que os impede de realizar as intervenções necessárias. A falta de comunicação entre a atenção primária e rede de atenção psicossocial, também contribui diretamente (NASCIMENTO et al, 2018).

A ausência de um protocolo, com as indicações e orientações que norteiam, a quais serviços às crianças possam ser dirigidas, dentro da rede de atenção psicossocial, e quais as medidas devem ser adotadas pelo enfermeiro logo após a identificação, ou detecção dos sinais, faz com que a assistência seja deficiente (NASCIMENTO et al, 2018).

O desprovimento do apoio profissional às famílias com crianças autistas, é uma problemática atual, pois elas necessitam de um suporte para lhe darem com as adversidades que encontram pela frente, que ajudem a entender os distúrbios dos seus filhos (NOGUEIRA e RIO, 2011).

A não elaboração de um plano de cuidados pelo enfermeiro, voltado para as necessidades dos familiares e da criança, a falta de planejamento deste cuidado esta relacionada à falta de conhecimento do cotidiano dos envolvidos (SOUZA, et al, 2020).

Enfermagem é a área que está próxima da ação, e dos cuidados, mas muitas das vezes não há um envolvimento ativo do profissional, seja na assistência integral à família, seja nas consultas de enfermagem. Em grande maioria, o enfermeiro não possui uma atuação no acompanhamento clínico a estas crianças (NOGUEIRA e RIO, 2011).

A falta de capacitação para a identificação precoce, juntamente com a ideia de

que a identificação do TEA não é de responsabilidade da enfermagem, dificulta a identificação precoce, principalmente na puericultura realizada pelo enfermeiro, nos anos iniciais da criança, na realidade da ESF (NASCIMENTO et al, 2018).

Negligência e a desvalorização das queixas, pelos profissionais de saúde, são a maior dificuldade das mães, as indicações e opiniões são consideradas irrelevantes para a detecção, as famílias se sentem ignoradas, quando deveriam ser acolhidas pelo o enfermeiro que deve ser uma ponte de comunicação entre os familiares e a equipe de saúde (NOGUEIRA e RIO, 2011).

Para uma assistência de qualidade e completa, o profissional responsável deve ter um bom relacionamento com crianças, e ser capaz de desenvolver habilidades para lidar com as alterações comportamentais (SOUZA et al, 2020).

2.4 ASSISTÊNCIA CONFORME A PNH

A humanização nos serviços de saúde foi lançada em 2003 através da Política Nacional de Humanização, com o intuito de colocar em prática os princípios do SUS, estimulando a comunicação entre gestores, trabalhadores e usuários dos serviços de saúde (PNH, 2013).

A política supracitada surge através do desafio de construir uma nova forma de se relacionar com o paciente, tendo a sua pauta voltada para o diálogo, reconhecendo as dificuldades e singularidades de cada usuário. A humanização se opõe à “violência” institucionalizada, que é o não entendimento dos profissionais, das particularidades emocionais, culturais e econômicas dos usuários (TEIXEIRA, 2005).

Humanizar-se refere à inclusão das diferenças, incentivando o surgimento de novos modos de cuidar, e de novas formas de trabalho, sendo a comunicação e o incentivo ao debate, o principal passo para a aplicação da humanização na Atenção Básica (PNH, 2013).

O atendimento humanizado é o mesmo que acolher, e este é primordial para a atenção primária, pois tem um potencial de ajudar a unidade a resolver as demandas necessárias, reduzindo a demanda reprimida, e ofertando aos usuários, os serviços disponíveis na rede de saúde, alcançando assim a satisfação dos usuários

(COUTINHO; BARBIERI; SANTOS, 2015).

No âmbito do acolhimento, a enfermagem desempenha um importante papel, realizando o acolhimento voltado para o paciente e sua família, essa prática garante a assistência e o desenvolvimento de um plano de cuidado conforme a realidade dos envolvidos, assegurando assim que o tratamento alcance melhores resultados (MIRANDA; RANGEL; PEREIRA, 2021).

A atenção do enfermeiro no acolhimento e na consulta de enfermagem auxilia na resolução dos casos, por meio desta o profissional tem acesso à história da vida familiar, auxiliando o núcleo familiar e fazendo com que a família se sinta capaz de lidar com as adversidades, principalmente em crianças com TEA[2] (NASCIMENTO, et al, 2018).

2.5 A importância ativa da família no cuidado à criança

A família é a referência da criança, cabe a ela assegurar o direito à saúde, alimentação, lazer, liberdade, proporcionando uma vida digna de qualidade, garantindo ainda que não sejam discriminadas, ou sofram qualquer tipo de exploração (MIRANDA; RANGEL e PEREIRA, 2021).

Todo o cuidado cotidiano deve partir da família, as dificuldades encontradas no dia a dia pela criança devem ser sanadas pela família que é a protagonista de todo o processo (SOUZA et al, 2020).

Para realizar um cuidado de qualidade, a família deve agir com paciência e compreender as limitações e dificuldades, utilizando e desenvolvendo ferramentas, que facilitem a interação da criança com a sociedade. (FILHO et al, 2016)

Carinho, cuidado e atenção são primordiais para o desenvolvimento, o apoio emocional para a criança, transforma o tratamento e proporcionam qualidade de vida (FILHO et al, 2016).

3. Considerações Finais

[2] Transtorno do espectro autista

O presente estudo permitiu conhecer a partir da visão das mães de crianças portadoras do TEA, as precariedades do Sistema Único de Saúde no nível da Atenção Primária à saúde, e suas dificuldades para um tratamento e acompanhamento, que atenda às reais necessidades da família.

O enfermeiro atuante na atenção primária deve se pautar nos princípios estabelecidos pela PNH, de acolhimento, escuta e valorização das queixas. A fim de identificar precocemente alterações cognitivas, que afetam o desenvolvimento infantil, e fazer da família um núcleo de cuidado, apoiando e orientando conforme as dificuldades diárias da família.

A falta de protocolos institucionais, capacitação profissional, desorganização nos serviços de saúde e a falta de sistematização do cuidado, baseado nas problemáticas existentes, levam a enfermagem a realizar uma assistência falha, incompleta, divergente dos princípios da PNAB e da PNH.

Por fim, pode-se dizer que os avanços alcançados pelo SUS, durante décadas, mostram um avanço da saúde pública no âmbito de escuta e acolhimento, a criação da PNH é uma iniciativa que demonstra os passos, mesmo que lentos, nesse caminho. Muitas barreiras ainda precisam ser quebradas para uma assistência completa e efetiva a crianças portadoras do TEA.

4. Referências

ACIOLI, Sonia; KEBIANI, Luciana Valadão Alves; FARIA, Magda Guimarães de Araujo; FERRACCIOLII, Patrícia; CORREA, Vanessa de Almeida Ferreira. **Práticas de cuidado: o papel do enfermeiro na atenção básica.** Rev. Enferm UERJ, v.22 n.5, p.637-42, 2014.

ARAUJO, Jeane A. W.R; VERAS, André B; VARELLA, André A. B. Breves considerações sobre a atenção a pessoa com transtorno do espectro autista na rede pública de saúde. Revista Psicologia e Saúde, v.11, n1, p.89-98, 2019.

COUTINHO, Larissa Rachel Palhares; BARBIERI, Ana Rita; SANTOS, Mara Lisiane de Morais dos. **Acolhimento na Atenção Primária á saúde: revisão integrativa.** Revista Saúde e debate, v. 39, p.514 – 524, 2015.

FACCHINI, Luiz Augusto; TOMASI, Elaine, DILÉLIO, Aleteia Santiago. **Qualidade da Atenção Primária a Saúde no Brasil: avanços, desafio e perspectivas.** Revista saúde e debate, v.42, número especial 1, p.208-223, 2018.

FILHO, Antônio Luiz Martins Maia; NOGUEIRA, Louyse Amanda Nascimento Morais; SILVA, Kamila Cristiane de Oliveira; SANTIAGO, Roberta Fortes. **A importância da família no cuidado da criança autista.** Rev. Saúde em foco, v.3, n.1, p.66-83, 2016.

GALAVOTE, Heletícia Scabelo; ZANDONADE, Eliane; GARCIA, Ana Claudia Pinheiro; FREITAS, Paula de Souza Silva; SEID, Helena; CONTARATO, Priscilla Caran; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho; LIMA, Rita de Cássia Duarte. **O trabalho do enfermeiro na atenção primária á saúde.** Ecola Anna Nery, v.20, n.1, p. 90-98, 2016.

MATTOS, Julio Cesar de Oliveira; BALSANELLI, Alexandre Pazetto. **A liderança do enfermeiro na atenção primária à saúde: revisão integrativa.** Rev. Enfermagem em foco, v.10, n.4, p.164-171, 2019.

MELLO, Guilherme Arantes; FONTANELLA, Bruno José Barcellos; DEMARZO, Marcelo Marcos Piva. **Atenção Básica e Atenção Primária à saúde- origens e diferenças conceituais.** Revista APS, v.12, n2, p.204-213, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Atenção Básica.** BRASIL, Brasília-DF, v.1, 2012. Disponível em: https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/123456789/313. Acesso em: 27/03/2023.

MIRANDA, Camila Alves de; RANGEL, Samanta Bepler; PEREIRA, Nelita Cristina da Silva Teixeira. **Acolhimento a criança autista e família na atenção básica de saúde.** Acta Scientiae et Technicae, v9 n2, p 145-150, 2021.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira; CASTRO, Cintia Soares Cruz de; LIMA, José Leandro Ramos de; ALBUQUERQUE, Maria Cícera dos Santos de; BEZERRA, Daniele Gonçalves Bezerra. **Transtorno do espectro autista: Detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia saúde da família.** Revista baiana enferm, v.32, p. 1-12.

NUNES, Anny Kelyane Araujo; SOUSA, Francisco das chagas Araújo; SILVA, Francisco Laurindo da; SILVA, Wenderson Costa da; HERNANDES, Linccon Fricks; SILVA, Maria Gabrielle Sobral; SILVA, Pedro Gabriel Sobral; PEREIRA, Thalia Jeovana da Silva; SILVA, Lisianne Natália Santos; SILVA, Eduardo Brito da. **Assistência de enfermagem á criança com autismo.** Research, Society and Development, v.9, n.11, p. 1-21, 2020.

SOUZA, Abraão Pantoja de; OLIVEIRA, Brenner Kássio Ferreira de; ALBUQUERQUE, Firmina Hermelinda Saldanha; SILVA, Maxwell Arouca da; ROLIM, Karla Maria Carneiro; FERNANDES, Henriqueta Ilda Verganista Martins; SANTOS, Maria Solange Nogueira dos; MAGALHÃES, Fernanda Jorge; PINHEIRO, Mirian Calíope Dantas. **Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa.** Revista Curitiba, v.3, n2, p.2874-2886, 2020.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigo. **Humanização e Atenção Primária á Saúde.** Ciência e saúde coletiva, v 10(3) p.585-597, 2005.